

RESUMO

A tese trata da produção de estatísticas entre 1840 e 1870 no Brasil, especialmente das estatísticas médicas. Tomando como base os estudos sobre as relações entre a centralização e a descentralização num modelo de monarquia corporativa empreendidos por António Hespanha, analisa a formação das estatísticas brasileiras em relação a uma tradição de Estado português que tinha suas formas próprias de organização e organização das informações. Ao longo da tese, se defende a posição sob a qual existiam estatísticas no período estudado, contudo, elas eram organizadas de forma descentralizada e sem uma padronização definida. Contudo, isso não significa que não existiam estatísticas. Apenas que não existia um modelo centralizado de estatísticas, desejado por alguns personagens históricos da época.

Ao examinar as estatísticas médicas, a tese apresentará o desenvolvimento do uso de números na medicina brasileira sob dois aspectos. De um lado, as quantidades eram utilizadas para contar o número de doentes que entravam e saíam dos hospitais e instituições médicas, dos que faleciam e dos que se curavam. Isso poderia servir tanto para uma descrição da atividade, quanto para justificar o acerto de uma determinada organização administrativa. De outro, a aritmética aplicada a medicina era uma forma de comprovação da eficácia terapêutica das teorias e práticas médicas do período. Nos debates sobre as estatísticas e as estatísticas médicas, nesse período, muitos significados eram negociados e se construía. As estatísticas médicas brasileiras se desenvolviam e se colocavam como uma forma de atingir a modernidade e o progresso.